

Aquisição de linguagem e autismo: um reflexo no espelho^{1, 2}

Glória Maria Monteiro de Carvalho e
Telma Costa de Avelar

Este estudo se propõe a uma tentativa de diálogo entre o campo de investigação da Aquisição de Linguagem e o campo de investigação da Patologia da Linguagem, no que diz respeito ao autismo. Nesse sentido, tomamos como ponto de partida o estudo da repetição e do erro nas produções verbais da criança, no início de seu percurso lingüístico. Com base nesse estudo, fizemos, então, algumas reflexões sobre a ecolalia de um menino diagnosticado como autista.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem, repetição, autismo

1. Este artigo se baseou em discussão ocorrida durante apresentação do trabalho das autoras, intitulado “O espelhamento do outro em aquisição da linguagem: algumas questões sobre a ruptura desse espelhamento”, na XVI JELNE – Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste, realizada entre 2 e 4 de setembro de 1998.
2. Queremos agradecer ao CPPL – Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem da cidade de Recife, pela participação imprescindível à realização do trabalho de pesquisa, sobretudo através das psicanalistas Ana Elizabeth Cavalcanti, Paulina Rocha, Cicília Ribas, Liliane Longman e Teresa Campello.

A idéia de realizarmos algumas reflexões sobre as produções verbais da criança diagnosticada como autista teve seu solo de origem em temas que constituem objetos de investigação privilegiados em aquisição de linguagem, como, por exemplo, a *repetição* e o *erro*. Nesse campo de estudo, tem-se perguntado insistentemente: Por que as crianças repetem enunciados ou fragmentos de enunciados do outro? Por que suas produções verbais, num determinado momento, apresentam tantos e diferentes erros? Qual o papel desses fenômenos no percurso lingüístico do sujeito?

Apesar do grande número de pesquisas dirigido por essas interrogações e das diferentes propostas que vêm sendo formuladas, a repetição e o erro continuam se destacando como objetos privilegiados de investigação. Em outras palavras, esses objetos ocupam lugar central no enigma constitutivo desse campo – o *enigma da mudança* – que se expressa pela indagação: Como a criança passa da condição de não falante para a condição de falante de sua língua?

Nesse sentido, seguimos, aqui, a trilha daqueles autores (por exemplo, Lier-De Vitto, 1994) que assumem a postura segundo a qual uma abordagem da chamada patologia da linguagem contribuiria para uma melhor compreensão do funcionamento lingüístico (considerado normal) do sujeito, justamente em virtude dos efeitos produzidos pela patologia sobre esse funcionamento.

Levantou-se, portanto, a seguinte pergunta: A partir de uma investigação de produções verbais de crianças que revelam uma *dificuldade*, em sua trajetória lingüística, poderia se chegar a uma melhor compreensão da mudança no campo da aquisição de linguagem?

Entretanto, também se impôs o caminho inverso, pela interrogação: A investigação da mudança, no campo da aquisição de linguagem, poderia lançar alguma luz sobre produções verbais de crianças que revelam uma “dificuldade” em sua trajetória lingüística?

A fim de sugerir algumas indicações a partir das perguntas feitas, decidimos abordar produções verbais da criança diagnosticada como autista, destacando, contudo, no que diz respeito a esse tema, os limites do presente estudo, seja pelo caráter restrito de suas pretensões ou pela fase inicial em que se encontra.

Nessa perspectiva, vale destacar que não podemos desconhecer as dificuldades e o caráter polêmico que marcam as tentativas, tanto de conceituação, como de caracterização do quadro sintomatológico e, conseqüentemente, de diagnóstico do autismo. Entretanto, apesar dessas dificuldades e das diferenças entre as várias abordagens propostas, os estudiosos da área têm apontado, de um modo geral, para a existência de obstáculos (das mais diversas naturezas), na trajetória lingüística da criança portadora de autismo. Desse modo, tendo sempre em vista os nossos objetivos, não discorreremos sobre a polêmica mencionada, mas nos restringiremos ao recorte das interrogações colocadas pela linguagem.

De início, portanto, vamos discutir algumas questões colocadas pela repetição e pelo erro no começo do percurso lingüístico do sujeito.

A repetição e o erro no campo da Aquisição de Linguagem

Com relação ao papel do erro em aquisição de linguagem em determinada época, por volta dos anos sessenta causava inquietação aos pesquisadores desse campo o fato de as crianças usarem formas verbais corretamente, por várias vezes, durante um determinado tempo, seguindo-se de produções erradas dessas mesmas formas. Tal fenômeno era, portanto, retirado do conjunto de dados e colocado na categoria de resíduos, justamente por não se curvar aos modelos teóricos – a Gramática Gerativa de Chomsky ou a Gramática de Casos de Fillmore – com os quais se procurava descrever a linguagem da criança. É o caso de estudos, como o de Brown e Bellugi (1964), em que se pretendeu adaptar o enfoque gerativista à investigação do desenvolvimento gramatical, o qual era descrito em termos de categorias e regras dispostas em ordem de complexidade crescente.

Foi sobretudo a partir de autores como Peters (1983), Bowerman (1974,1982) e Karmiloff-Smith (1986), que os acertos iniciais foram tratados como *blocos*, isto é, formas não analisadas ou não segmentadas a que se seguiam os erros. Estes, por sua vez, eram concebidos, de um modo geral, como indicadores de que estava ocorrendo um processo de análise, reorganização ou redescrição das formas

verbais já em uso pelo sujeito, não se podendo, entretanto, desprezar as grandes diferenças implicadas nesse processo em cada uma das três abordagens.

Assim, pretendeu-se atribuir, à produção errada, a positividade de um indício de mudanças qualitativas na linguagem da criança tendo sido, portanto, destacado seu papel crucial em aquisição de linguagem, uma vez que procurar compreender a passagem do sujeito, da condição de não falante para a de falante, constitui a própria razão de ser desse campo de investigação.

Convém apontar que um dos tipos de erros privilegiados nesses estudos é justamente aquele que dá visibilidade ao fato de a criança já estar segmentando a substância fônica, como é o caso da *ultra-regularização*. Por exemplo, ao se usar *fazi*, em vez de *fiz*, estariam se conjugando, no passado, formas irregulares de acordo com a regra de conjugação das formas regulares. Por sua vez, foi o confronto com tais erros que permitiu a atribuição do caráter de *não segmentadas* ou *não analisadas* àquelas produções anteriores da criança, aparentemente idênticas às do adulto e usadas em contextos semanticamente adequados.

Trata-se portanto de erros previsíveis, ou seja, respondem claramente a uma regra ou padrão lingüístico, e por se tratar de indicadores de análise de formas antes não analisadas, sinalizam para o preenchimento paulatino de uma falta de conhecimento sobre a língua constituída. Em outras palavras, nesse modelo, uma linha evolutiva é concebida em termos de reorganizações sucessivas de um conhecimento parcial que a criança possui sobre a língua. Nessa perspectiva, portanto, o erro teria o estatuto de um conhecimento incompleto, estatuto esse que definiria as produções anteriores – isto é, os *blocos* (ou repetições) – como indicadores de uma ausência de conhecimento sobre a língua.

Nesse sentido, Lemos, C. T. (1997 e 2000) coloca em questão essa atribuição à fala da criança, do estatuto de manifestação de um conhecimento em construção, levando em conta que do ponto de vista empírico tal fala – no início da trajetória lingüística do sujeito – é marcada por uma heterogeneidade radical, o que levaria a proposta construtivista a um impasse. Explicando melhor, numa mesma sessão de gravação podem aparecer, de forma assistemática, *acertos* e *erros* em relação ao mesmo item verbal produzido pela criança. Nesses casos, trata-se tanto de evidências como de contra-evidências de uso – e, portanto, de conhecimento – de determinada categoria, não se podendo falar em *erros*, em *acertos*, ou sequer em *aparentes acertos*.

Com base no referido impasse e em outros de natureza teórico/epistemológica, Lemos, C. T. (1992, 1995, 1997 e 2000) assume uma abordagem diferente – a partir de uma releitura dos processos metafóricos e metonímicos concebidos por Jakobson e ressignificados por Lacan –, propondo que a trajetória lingüística do sujeito consiste em mudanças na posição por ele ocupada em relação à lín-

gua, sendo os erros, então, concebidos como indicadores de uma mudança nessa posição.

De acordo com essa proposta, numa primeira posição *a fala da criança repete ou espelha a fala do outro/adulto* caracterizando uma *submissão*, isto é, ficando circunscrita a essa fala. Nesse momento, a fala da criança se constitui pela presença de fragmentos da fala do outro. Entretanto, tal presença somente configurará a referida posição de dependência se estiver ligada, de forma indissociável, ao seu *reconhecimento pelo outro* – sob a forma de uma atribuição de sentido aos fragmentos –, pois se trata de duas dimensões de um mesmo fenômeno. Por sua vez, pertence à própria natureza dessa última dimensão *o efeito de manter o diálogo*. Melhor dizendo, faz parte do reconhecimento seu efeito de colocar em movimento as *repetições*, uma vez que para se poder falar propriamente de diálogo é preciso que as repetições da fala do outro estejam submetidas a uma *circulação* ou a um *deslizamento*. Para Lier-De Vitto (1994), um tal movimento tem lugar “quando o segmento destacado da produção do bebê ressurge na da mãe para, em seguida, deslizar novamente para a criança – agora já formalmente restringido, com contorno mais definido” (p.138), o que aparece nas repetições abaixo exemplificadas:

C = criança

M = mãe

(1) (C -1; 2)

M – Num tem. Só tem um *nenê*.

C – *É/ bô*.

M – *Acabou*.

C – *Néé*.

M – Só tem um *nenê*.

C – *Nenê*.

M – Você vai *dá papá* pro *nenê*?

C – *Pápa*.

M – *Vai?*

C – *A/u/ua aiá*.

(2) (C -1; 10)

M – *Sarô já?*

C – *Já*.

M – Ai que bom. Você passou remédio? Ahn?

C – *Ó/ó Sônia vivindo*.

M – *A Sônia vem vindo*.

C – *Pá leite*.

Vale destacar que o deslizamento não precisa ocorrer no tocante a um mesmo fragmento, mas pode ter lugar por meio de um *processo metonímico* que estabelece uma sucessão de ligações ou vínculos entre os fragmentos da fala atual do adulto e outros fragmentos – também da fala do adulto – convocados na fala da criança, como mostra o exemplo 2 acima.

Na segunda posição, por meio de *processos metonímicos e metafóricos*, *cadeias verbais se aproximam (metonimicamente) e se cruzam, na fala da criança*, o que provoca a ruptura dessas cadeias e a *substituição (metafórica) de significantes* em alguns de seus pontos, dando como resultado a produção de uma nova cadeia. Por sua vez, essa nova cadeia (manifesta) traz de algum modo vestígios deixados pelas cadeias (latentes) que entraram nesse movimento de aproximação e substituição, caracterizando um espelhamento entre cadeias, ou um espelhamento da língua, ou, ainda, uma posição de *submissão do sujeito ao movimento da língua*. Desse modo, a decomposição das cadeias e a recombinação de suas partes dão lugar ao aparecimento dos vários tipos de erros cujo desaparecimento, que caracteriza a terceira posição, coincide com a presença, na fala da criança, de pausas, reformulações, autocorreções e correções provocadas pela fala do outro.

16

No âmbito dessa proposta, constituem indicadores de mudança tanto os erros previsíveis como os imprevisíveis, isto é, aqueles que decorrem de uma combinação mais livre de significantes, em que, segundo Bowerman (1982), não está claro que a criança esteja respondendo a um padrão da língua constituída e não se curvam à demanda de regularidade. Esses últimos foram abordados por Lemos, M. T. (1994) sob o ponto de vista do *efeito de estranhamento* ou *efeito de enigma* que provocam no adulto, a partir da noção de *estranho* de Freud (1948/1925). Nessa abordagem, o enigma produzido pela fala da criança, com seu estatuto de imprevisível, é concebido como *uma possibilidade – ainda que esquecida – da língua*, pois consiste numa maneira incomum, singular, de combinar significantes.

A partir dos resultados de estudo anterior (Carvalho, 1995), sobretudo no que diz respeito a um dos sujeitos cujos dados verbais foram analisados, as produções que causaram estranhamento no adulto (mãe ou investigador) tornaram mais visível um *espelhamento da língua*, na fala da criança, constituindo-se, pois, como um forte indicador de mudança segundo a abordagem adotada. A título de ilustração, pode-se mencionar a análise dos fragmentos de diálogo, a seguir:

(3) (Depois do almoço, C – 2; O é acordada por M)

M – Num pode não. Quando agente levanta precisa... cê ficou descalça antes de dormir, é?

C – É.

M – *Tá se vendo.*
C – *Tá se vendo.*
M – Tá se vendo que você ficou descalça antes de dormir.
C – *Eu achuvia agu.*
M – *Vai chover logo?*
C – É.
M – Ahn.
C – Tá muito fio.

Mais adiante ocorreu o seguinte fragmento de diálogo:

(4) (C – 2; 5)
M – A água tá guardada nas nuvens.
C – *Tá sovendo* ele num abiu.
M – Num abriu porque num tá chovendo.
C – Cumasu.

(5) (C – 1; 11 está conversando com M)
M – Nós vamos ao Ibirapuera? Achei que a gente fosse para o zoológico. O Ibirapuera é mais perto, né? Só queria comprar um pirulito, cê compra?
C – Compo. Intão vô no bilapuela/qui é muito puquinho.
M – Mas só que *eu acho que vai chover* e nós num podemos descer do carro. Então você sai e vai comprar o pirulito prá nós todos. O seu dinheiro dá? Se não, eu empresto um pouco do meu.
C – Num dá.

No fragmento 3, foi selecionada a expressão “*Eu achuvia agu*” em virtude do *efeito de estranhamento* produzido no investigador, pela própria maneira de combinar significantes, mas também pela relação com os enunciados “*Tá se vendo*” e com aqueles ligados ao tema de *chuva*, como: “*você ficou descalça antes de dormir*” e “*Tá muito fio*”.

Vale destacar que foi a presença da produção estranha (“*Eu achuvia agu*”) que permitiu colocar em questão, de forma retroativa portanto, o estatuto de reprodução imediata da fala da mãe, estatuto esse que, na ausência daquela produção, poderia ser atribuído, tranqüilamente, ao segmento de C: “*Tá se vendo*”. Em outras palavras, o enunciado “*Eu achuvia agu*” trouxe à tona o fato de que a repetição da criança “*Tá se vendo*” não consistiria apenas numa repetição ou espelhamento da fala da mãe, mas se caracterizaria como um efeito do *espelhamento da língua*, isto é, estaria sinalizando para um *espelhamento entre as cadeias* “*Tá se vendo*” e “*Tá chovendo*”. Explicando melhor, a produção da mãe “*Tá se vendo*” teria espelhado uma expressão incorporada pela criança “*Tá sovendo*” (“*tá chovendo*” – episódio 4), produzindo-se na fala desta última uma

homofonia, ou seja, uma aproximação das duas formas verbais pela semelhança de sons. Por sua vez, esse espelhamento implicou também a aproximação e o cruzamento com outras cadeias, como por exemplo, “*agora eu acho que vai chover*” – emitida pela mãe em sessão anterior (episódio 5) – a qual teria sido decomposta e recombinaada, dando lugar a uma produção singular, imprevisível. Propõe-se então que, nesse momento, o processo de repetição se subordinou ao movimento da língua, na própria fala da criança, constituindo a produção estranha o índice de uma mudança na posição inicial de submissão à fala do outro.

Tais produções estranhas presentes nessa criança, por volta dos dois anos, seguiram-se a um momento em que predominavam os espelhamentos – quer imediatos, quer com intervalos variados de tempo – da fala da mãe, não se podendo, entretanto, ordená-los numa seqüência de desenvolvimento em virtude da convivência freqüente entre esses vários modos de produção.

Com base na mencionada concepção de efeito de estranhamento, surgiu-nos a seguinte reformulação da pergunta que fizemos, anteriormente: O recorte das produções estranhas, enquanto unidade de análise da investigação da mudança em aquisição de linguagem, colocaria questões para o sujeito que apresenta uma “dificuldade” em seu percurso lingüístico?

18

A partir dessa indagação, uma outra reformulação se nos impôs, tocando mais diretamente em nosso objetivo: O recorte dos efeitos de estranhamento provocados pelas produções verbais de sujeitos que apresentam uma “dificuldade” em seu percurso lingüístico, viria a colocar questões no que concerne à mudança de uma posição de submissão à fala do outro para uma posição de submissão ao movimento da língua?

O efeito de estranhamento e as verbalizações do autista

Nestas reflexões, trata-se, portanto, de uma tentativa de dar maior visibilidade quer à posição de submissão à fala do outro, quer à posição de submissão ao movimento da língua, por meio do destaque dado ao efeito de estranhamento provocado, no adulto, pelo infante.

No que toca ao autismo, os autores – a partir de Kanner (1997/1943) – de um modo geral registram em suas manifestações verbais grande número de características que são especificadas ora como ausência, ora como presença enquanto falhas (sobre esse tema, ver Rocha, 1977). Nesse sentido, podemos citar a ausência de segmentações na substância sonora, referida “como um dos problemas do autismo, mesmo depois que o sujeito começa a falar” (Laznik-Penot, 1997, p. 40).

A questão da *presença da fala do outro*, no autismo, vai ser apenas tocada de uma forma bastante restrita à proposta acima. Essa questão tem sido muito investigada pelos estudiosos da área – embora em diferentes enfoques – no que concerne especificamente à linguagem, enquanto fazendo parte de um quadro geral de distúrbios do funcionamento psíquico, sendo bastante focalizados os *ecos* ou *repetições da fala do outro* em produções verbais de alguns sujeitos diagnosticados como autistas. Nesse sentido, tem sido destacado o caráter *rígido* dessas produções repetitivas, tendo Kanner (1997/1943) afirmado, sobre o autista, que toda a sua conversa é um eco de tudo o que já se lhe pôde ser dito.

Apesar da controvérsia – já mencionada anteriormente – entre as várias posturas assumidas, a rigidez nas produções verbais, como também não verbais, tem sido referência constante no estudo das dificuldades apresentadas por essa criança, tanto no que concerne à pesquisa quanto à intervenção, na clínica. Chegase mesmo a propor que quando o autista repete a mesma seqüência sonora não se pode sequer dizer que se trata de repetição, tamanha é a rigidez de tais produções. Nessa posição, coloca-se, dentre outros, Laznik-Penot (1977) para quem “esse tipo de verbalizações nem mereceria o nome de repetição, no sentido metapsicológico do termo”, justamente por tenderem rapidamente a se tornar estereotípias as quais consistem “num esvaziamento do ato de tudo o que é de um valor pré-simbólico, restando apenas um vestígio de um trabalho humano que apenas começou a acontecer” (p.16).

Convém realçar que esse eco, com sua marca de rigidez, implicaria o retorno, sem diferença, da fala do outro na fala da criança. Desse modo, seria melhor denominar de *reprodução* em vez de *repetição*, na qual o mencionado retomo ocorreria com alguma diferença, como é o caso dos exemplos 1 e 2 de Mariana.

Portanto, para se abordar as indagações formuladas neste trabalho foram realizados registros longitudinais em vídeo de um grupo de adolescentes diagnosticados como autistas, com idade média de 13 anos. As filmagens foram realizadas numa instituição especializada no tratamento e pesquisa do autismo (na cidade de Recife, PE), durante o período de seis meses, em sessões semanais de terapia onde havia duas terapeutas e uma estagiária. A análise dos dados obtidos tem sido complementada por um confronto com um outro conjunto de dados de que se dispunha – os quais foram usados para constituir os exemplos 1, 2, 3, 4 e 5, acima transcritos. Esses últimos fazem parte do Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Linguagem do IEL/UNICAMP, tendo sido colhidos através de registros longitudinais semanais, em áudio, de uma criança do sexo feminino (C: Mariana), em situações de diálogo espontâneo com sua mãe (M), compreendendo o período entre 1 e 3 anos de idade.

Deve-se notar que esses dois conjuntos de produções verbais (de Mariana e de Paulo) foram obtidos por meio de registro, em contextos que apresentam

diferenças marcantes entre si. Tais diferenças dizem respeito, por exemplo, à idade dos sujeitos, aos papéis do interlocutor adulto e à própria natureza das duas situações. No tocante a este último aspecto, trata-se, num caso, de situações de diálogo espontâneo e, no outro caso, de sessões de terapia cujos fins e características são marcadas pela singularidade da relação transferencial. Entretanto, de acordo com os objetivos que assumimos, as verbalizações espontâneas dos dois sujeitos se constituíram como o aspecto privilegiado no confronto com as questões que dirigem as reflexões deste artigo. Nessas verbalizações, o recorte de produções estranhas, como foi visto, teria especial relevância. Por sua vez, em virtude da especificidade do autismo, foi somente num contexto de terapia em grupo de adolescentes, que pudemos obter, de forma sistemática, um tal tipo de verbalizações as quais, desse modo, adquiriram maior peso em relação às diferenças citadas. De maneira diversa, os vários aspectos contextuais seriam relevantes, levando-se em conta objetivos comparativos em estudos de outra natureza.

Inicialmente, vale apontar que na análise das verbalizações da criança autista, aqui considerada, não se destacou a presença de erros ou enigmas (segundo a concepção de Lemos, M. T., 1994), o efeito de estranhamento localizado nesse *corpus* foi provocado justamente pela característica de rigidez, nos dados analisados, que salta aos olhos do observador sobretudo nas produções verbais de um dos sujeitos (P), como exemplificam os seguintes fragmentos de diálogo:

T1 e T2 = Terapeutas
E = Estagiária
P = Paulo* (adolescente autista)

(6) (P -13; 4)

T1 – O que está acontecendo que está preocupado também, hein? Está preocupado com alguma coisa?

P – (ininteligível) Vamos ver (ininteligível). Quem mandou você jogar? Deixa de palhaçada (repete três vezes, cada uma com um tom de voz diferente), levante menino, deixe de palhaçada. Deixe de palhaçada, deixe de palhaçada.

E – Quem está fazendo palhaçada?

P – Acenda aí por favor. Acenda aí por favor. Acenda aí por favor agora (ininteligível). A lata tá cheia de (ininteligível). Oh, Paulo (ininteligível). Oh, João! Acenda Paulo, logo acenda! Paulo acenda essa luz meu filho logo. Acenda Paulo logo. Acenda Paulo. Ui, tia apagou. Acenda aí agora! Acenda Paulo (ininteligível). Tia apague a luz do quarto por favor tia. Oh, Paulo, ligue agorinha, ligue.

* Nome fictício

(7) (P – 13; 5)

P – Ah! A! Ah! Claudinho rasgou a roupa todinha (voz fina). (Ininteligível).

T2 – É verdade.

TI – Foi uma sessão de grupo, foi?

T2 – Claudinho ficou com muita raiva. Porque Claudinho fazia umas máscaras, sabe? Enrolava no papel, colava, desenhava. Num era Paulo? Enrolava no papel (ininteligível). E nesse dia não tinha o papel pra ele fazer as máscaras e Claudinho com raiva, rasgou as roupas, deu grito aqui. Precisou Cláudio, Marina segurar ele pra ele não deixar ele se rasgar todinho. Não foi, Paulo?

P – Claudinho rasgou.

T2 – Foi. E Paulo ficou com medo ...

P – E num rasgue não. Claudinho rasgou a roupa (fala lentamente). Claudinho rasgou a roupa. Claudinho rasgou a roupa (ininteligível). (Ri e se levanta). Tá bom aí? (P vai para perto da filmadora). A luz. (P coloca seu rosto no visor da filmadora).

TI – Tá procurando o que aí?

P – Vamo depressa. Vamo depressa. (Ininteligível). De jeito e maneira. De jeito e maneira.

TI – Estamos arrumados, hein? Temos um imitador aqui perfeito.

Notam-se, nos fragmentos acima, fortes marcas da presença de uma reprodução rígida da fala do outro, na fala do menino, como por exemplo, a não reversão do pronome pessoal ou a manutenção das características prosódicas originais (tom e entonação), já observadas desde os primeiros estudos de Kanner (1997/1943), bem como o caráter de justaposição ou desarticulação dos enunciados de P, seja com relação aos enunciados do adulto, seja no que se refere ao contexto de um modo geral.

No que concerne a essa questão, pode-se dizer que várias reproduções de P na situação abordada estariam obedecendo a um critério de justaposição. Essas reproduções fazem parte de situações discursivas anteriores, como por exemplo “*Deixe de palhaçada*” (episódio 6), retornando na fala de P em sessões de terapia, justapondo-se a outros enunciados da fala do adulto, isto é, sinalizando para uma ausência de articulações sucessivas com enunciados dessa fala, ou, em outras palavras, indicando uma impermeabilidade às tentativas de interpretação e, portanto, indicando uma ausência de *deslizamento*.

Por sua vez, chama nossa atenção, em alguns momentos, a persistência no que concerne a determinada reprodução, como “*Acenda Paulo*”, no exemplo 5, ressaltando ainda mais sua condição de *eco* tão destacada pelos estudiosos do tema. Tal enunciado pertence ao discurso da terapeuta, em sessões anteriores, diante do menino que, insistentemente, apagava a luz da sala.

As produções verbais de P indicam, portanto, um caráter de *fixação*, *permanência* ou *imobilidade*³ que parece ter dificultado a *circulação* ou o *deslizamento* (Lier-De Vitto, 1994) o qual se sobressai nos fragmentos de diálogos de Mariana transcritos anteriormente.

Em se tratando dos diálogos nas sessões de terapia aqui analisadas, nota-se, nos fragmentos acima, a tentativa de atribuição de sentido às produções do sujeito (P), o que aponta para uma postura da terapeuta na direção de *reconhecer/interpretar* essas produções. No entanto, questiona-se nos episódios em discussão se o reconhecimento chegou a se constituir, posto que ficou comprometido em seu efeito de circulação, não tendo se realizado, portanto, uma das dimensões constitutivas da primeira posição de submissão à fala do outro.

Assim, diferentemente da fala de Mariana, a fala de Paulo se constituiria de formas (blocos) compactas. Nesse ponto, com base em Jerusalinsky (1993), pode-se indicar que essas formas, em sua aparência compacta, estariam funcionando como uma barreira de certo modo paradoxal, no sentido de que P estaria usando a fala do outro para excluir esse outro.

Desse modo, no tocante a muitas das verbalizações de P, em que parece faltar uma submissão inicial à fala do outro, propomos que teria havido uma separação entre as duas ordens de fenômenos – *presença de fragmentos da fala do outro e reconhecimento* – as quais se ligam de forma indissociável para constituir essa primeira posição, como mostra a fala de Mariana, nos episódios 1 e 2.

Sugerimos então que esses tipos de produção de P provocaram estranhamento nos adultos (terapeutas ou investigadores), justamente em virtude dessa separação, constituindo *uma ancoragem extrema* à fala do outro, o que permitiria dizer que não se trata de uma repetição ou de um *espelhamento* dessa fala no sentido dado por Lemos, C.T. (1997).

Vale destacar, no entanto, que em alguns momentos das verbalizações do sujeito em estudo teriam ocorrido indícios de circulação dos itens verbais reproduzidos, os quais estariam convivendo com a fixidez de sua fala, supondo-se então que um tipo de mudança poderia ser indiciada por algumas de suas produções, como as que se seguem (quando Paulo tinha 13 anos e 4 meses):

(8) T2 – Mas Paulo, tu assistisse o filme?

P – (Balança a cabeça, afirmando).

3. Uma discussão sobre esse caráter de fixação, permanência ou imobilidade foi realizada por Paulina Rocha e Ana Elizabeth Cavalcanti, por ocasião de um estudo sobre a questão *linguagem e autismo*, que teve lugar no CPPL (Centro de Pesquisa em Linguagem e Psicanálise – Recife, PE)

T2 – Legal?

P – (Sorri e abaixa a cabeça).

T2 – Sim, mas os detalhes você pode contar para seus colegas no colégio.

Dizer se gostou ou não ...

T2 – Era *bomba* que não acabava mais, era Paulo?

P – *A bomba explodiu!*

T2 – Era só isso.

P – (Ininteligível). A bomba explodiu!!! (Fala com voz alta e forte)

(9) P – O que foi que você fez meu carro?!! O que foi que você fez meu carro?!!

P – Paulo.

TI – *Você tá muito aperriado!*

P – Eh, eh, eh, eh, vamos parar de conversa fiada. *Tô meio chateado.*

T2 – É, parar com conversa fiada.

TI – É realmente, você falou, é pra falar mesmo, sabe, quando estiver chateado.

E – Paulo, eu vou te dizer uma coisa: tua mãe quando tá muito aperriada (ininteligível).

P – Paulo acabou.

(10) T2 – Olha o relógio na revista. *Eita essa revista tem avião*, olha Paulo. (Mostra a revista a Paulo).

P – Da força aérea. *Eita esse avião é da força aérea, será?*

T2 – Nossa, quantos aviões!!! Um, dois, três... nove aviões.

P – Combate, combate.

E – Esses aviões são de combates.

No fragmento 8, Paulo recorta, do enunciado da terapeuta “*Era bomba que não acabava mais*”, o termo *bomba* o qual convoca a reprodução de um outro enunciado “*A bomba explodiu*”, provavelmente emitido, anteriormente, por um adulto e que contém essa palavra; pode-se dizer que, nesse momento, teve lugar um processo metonímico. Note-se, porém, que se trata de um processo completamente ancorado na fala do outro, pois o enunciado convocado a partir da palavra recortada parece ter vindo como um bloco. Contudo, nesse ponto, o reconhecimento se constitui por meio da produção de seus efeitos, isto é, pela produção de uma circulação. Por exemplo, no episódio 10, o termo *avião* do enunciado da terapeuta “*Eita essa revista tem avião, olha Paulo*” aparece, logo em seguida, na produção de Paulo “*Eita esse avião é da força aérea, será?*”, para depois reaparecer em outros enunciados das terapeutas, como é o caso de “*Nossa, quantos aviões!!!*”. Trata-se, contudo, de uma circulação momentânea

desde que imediatamente depois ocorre, na verbalização de P, uma volta à sua condição anterior de estereotipia. Portanto, um tal movimento de circulação seria singular, sobretudo pelo seu caráter momentâneo, pontual. Em outras palavras, esse movimento não implicaria sua continuidade, o que talvez nos levasse a aproximá-lo da imagem de tênues fissuras provocadas num cristal que continuasse, apesar dessas fissuras, a se caracterizar por sua aparência compacta.

Algumas considerações finais

Com base no que foi discutido, pode-se dizer que um enunciado do adulto (terapeuta), produzido na situação atual de terapia, teria convocado, na produção verbal de P, um outro enunciado (também produzido pelo adulto, em situação anterior), quebrando, embora de forma muito singular/momentânea, a rigidez de seus blocos. Nesse sentido, a relação (metonímica) entre enunciados do adulto nas verbalizações do autista, poderia ser concebida como índice de alguma mudança.

24

Todavia, não se poderia falar numa mudança para uma posição de submissão à língua, posto que a posição inicial de submissão à fala do outro, como foi visto, parece que sequer existia anteriormente. Pode-se propor, então, que esse índice de mudança, caracterizado por um *ensaio* de movimento metonímico, estaria apontando para uma relação com a língua, através de um *esboço* de reflexo no espelho, ou melhor, através da constituição de uma submissão ainda muito rudimentar à fala do outro, supondo-se, entretanto, que esse movimento poderia arrancar as produções verbais do sujeito à sua rigidez inicial.

Vale notar que focalizamos apenas algumas indicações que uma análise da fala da criança, no campo da aquisição de linguagem, poderia trazer para a abordagem de verbalizações do autista. Em outras palavras, tais indicações dizem respeito a uma das duas perguntas que dirigiram nossas reflexões e que foram explicitadas no início deste artigo. Resta tomarmos o caminho inverso para nos confrontarmos com a outra indagação central a qual poderia ser, agora, reformulada/especificada nos seguintes termos: Como as verbalizações do autista, em sua “âncora extrema à fala do outro”, e o estranhamento que elas provocam, poderiam jogar alguma luz sobre a submissão da fala da criança à fala do outro, em aquisição de linguagem?

Sem qualquer pretensão de apresentarmos uma resposta a essa pergunta, queremos somente levantar questões sobre o estatuto a ser atribuído a esse outro/adulto que interpreta (ou que tenta interpretar) as produções infantis (sobre a questão do intérprete, ver Pereira de Castro, 1998).

A respeito desse tema, Lemos, C. T. (1997 e 2000) destaca que o intérprete da fala da criança não seria o outro-indivíduo, mas o outro concebido como instanciamento da língua. Ao que parece, a rigidez da fala ecológica, bem como o estranhamento que ela provoca, estariam dando alguma visibilidade a esse estatuto do outro/interlocutor/intérprete enquanto instanciamento da língua. Nesse sentido, sugerimos que ao se ancorar na fala do outro sem a dimensão do reconhecimento, a ecolalia estaria representando uma ancoragem na substância sonora produzida pelo indivíduo. Perguntamos, então: Ao se constituir como uma barreira (bloco) de natureza verbal, não estaria a ecolalia excluindo o outro enquanto instanciamento da língua, restando, desse outro, seu substrato individual?

Com base nessa questão, indagamos também: Não seria a circulação/deslizamento um reflexo (no espelho) do outro concebido como instanciamento da língua?

Formulando, ainda, com outros termos: Não seria esse deslizando um reflexo, na fala da criança, do movimento da língua a que se submete o intérprete?

Nesse sentido, um tal reflexo estaria ocorrendo num momento muito inicial da trajetória lingüística do sujeito em que predominam, em sua fala, repetições de fragmentos da fala do outro, muito embora não esteja ainda o infante submetido ao movimento da língua.

Parece, entretanto, que essas questões se localizam no início de um longo caminho.

Referências

- BOWERMAN, M. Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship between cognitive, semantic and syntactic development. *Papers and Reports on Child Language Development*, n. 8, p. 142-78, 1974.
- _____. Reorganizational process in lexical and syntactic development. In: WANNER, E. & GLEITMAN, L.R. (Orgs.). *Language Acquisition: The State of Art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 320-46.
- BROWN, R. & BELLUGI-KLIMA, U. Three process in the child's acquisition of syntax. *Harvard Educational Review*, n. 34, p. 307-18, 1964.
- CARVALHO, G.M.M. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. 1995. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.
- FREUD, S. (1925). *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.
- JERUSALINSKY, A. Autismo: la infancia en el real. *Escritos de la infancia*, p. 93-9, 1993.
- KANNER, L. (1943). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.) *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997.

- KARMILOFF-SMITH, A. From meta-processes to conscious access: Evidence from children's metalinguistic and repair data. *Cognition*, n. 23, p. 95-147, 1986.
- LAZNIK-PENOT, M.C. *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1997.
- LEMONS, C.T. de. Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. *Substractum*, n. 1, p. 121-35, 1992.
- _____. Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, n. 4, p. 9-28, 1995.
- _____. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da linguagem. Trabalho apresentado no The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy. Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica, Trento, Itália, 1997.
- LEMONS, C.T.G. de. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. *Culture & Psychology*, 6, n. 2, p. 169-82, 2000.
- LEMONS, M.T. de. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem*. 1994. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.
- LIER-DE VITTO, M.F. Aquisição da linguagem, distúrbios de linguagem e psiquismo: um estudo de caso. In: LIER-DE VITTO, M. F. (Org.). *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 135-44.
- PEREIRA DE CASTRO, M.F. Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. *Letras de Hoje*, 33, n. 2, p. 81-87, 1998.
- PETERS, A. *The Units of Language Acquisition*. Cambridge: CUP, 1983.
- ROCHA, P.S. Terror do mundo novo ou a interpretação autista do velho mundo. In: ROCHA, P.S. (Org.), *Autismos*. S. Paulo: Escuta, 1997, p. 97-110.

Resumos

Este estudio se propone a un intento de diálogo entre el campo de investigación de la Adquisición de Lenguaje y el campo de investigación de la Patología del Lenguaje, en lo que respecta al autismo. En este sentido, tomamos como punto de partida el estudio de la repetición y de la equivocación en las producciones verbales de los niños, al inicio de su recorrido lingüístico. Con base en este estudio, hacemos, pues, algunas consideraciones sobre la ecolalia de un niño diagnosticado como autista.

Palabras llave: Adquisición de lenguaje, repetición, autismo

Le propos de ce travail est d'établir un dialogue entre le domaine de la recherche de l'Acquisition du Langage et le domaine de la recherche de la Pathologie du Langage, en mettant en relief l'autisme. Dans la perspective adoptée, nous avons pris comme point de départ, l'étude de la répétition et de l'erreur, dans les productions verbales de

l'enfant, au début de l'acquisition de son langage. Ensuite, en prenant comme base cette étude, nous avons mis en discussion l'écholalie d'un autiste.

Mots clés: Acquisition du langage, répétition, autisme

The present study aims to focus a common ground on both investigation areas: Language Acquisition and Language Pathology, as far as it may concern the autism question. In that sense, the scratch line of the study consists of the analysis on the repetition and on the error pertaining to the child's verbal production at an early stage of his/her linguistic course. Based upon such a study, some issues about echolalia have been brought into question by taking up a boy who have been diagnosed as autist.

Key words: Language acquisition, repetition, autism